

XENOS E A MULHER NEGRA: PENSANDO A PARTIR DE ESCREVIVÊNCIAS

Bianca de Oliveira Corrêa¹

RESUMO:

O movimento contemporâneo feminista xenofeminismo apresenta uma perspectiva tecnofílica e abolicionista de gênero, propondo uma política pela alienação, ou seja, um engajamento com o estranho; um questionamento do que “é dado”, para, a partir desse estranhamento, alterar conceitos e estruturas presentes em uma sociedade opressiva. Que tipos de sujeitos, então, são pensáveis para esse futuro xenofem? Tendo como base a obra *Xenogênese* - que carrega elementos de afro-futurismo e do xenofeminismo- propomos pensar o tipo de sujeita possível em um Brasil ainda profundamente marcado por desigualdades de gênero e raciais. Esse exercício se faz a partir das obras *Quarto de Despejo* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* que relatam escrituras de mulheres negras no Brasil.

PALAVRAS CHAVE: xenofeminismo, alienação, escritura.

RESUMEN:

El movimiento feminista xenofeminista contemporáneo presenta una perspectiva tecnofílica y abolicionista de género, proponiendo una política de alienación, es decir, un compromiso con el extraño; un cuestionamiento de lo “dado”, para, desde esa extrañeza, alterar conceptos y estructuras presentes en una sociedad opresiva. ¿Qué tipos de sujetos, entonces, son concebibles para este futuro xenofeminista? A partir de la obra *Xenogénesis*, que contiene elementos del afro-futurismo y el xenofeminismo, proponemos pensar sobre el tipo de sujeto posible en un Brasil aún profundamente marcado por las desigualdades de género y raciales. Este ejercicio se basa en las obras *Quarto de Despejo* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* que informan los registros de mujeres negras en Brasil.

PALABRAS CLAVES: xenofeminismo, alienación, escritura.

¹ Bianca de Oliveira Corrêa, Licenciada, Bacharel e mestranda em Filosofia pela Universidade de Brasília, com foco em estudos de gênero.

INTRODUÇÃO

O prefixo *xeno*, que significa “estranho” ou “estrangeiro” e pode remeter à ideia de “alien”, foi adotado pelo movimento xenofeminista lançado sob a forma do manifesto: *Xenofeminismo: Uma política pela alienação* (2018) do coletivo LaboriaCuboniks. A frase: “Todxs estamos alienadxs - mas houve algum momento em que não estivemos?” (Cuboniks, 2018, 0X01) do manifesto, postula que todos os sujeitos são alienados por natureza e traz como exemplo a questão da mulher que, enquanto grávida torna-se desconhecida de seu próprio corpo, assim como o exemplo de qualquer pessoa que tenha se sentido “não-natural” sob as normas biológicas reinantes, ou que tenha experimentado injustiças em nome de uma ordem dita natural. A proposta, portanto, é que a humanidade se faça cada vez mais *alien[ada]*.

O trocadilho com a palavra “alienação” leva à pergunta: como se entende esse conceito na perspectiva xenofem? Essa discussão não é aprofundada no manifesto ou na obra da Helen Hester, esim no texto *Xenofilia* (2018) da xenofeminista Patrícia Reed. Essa ideia de “alienação radical” tão fundamental, que se encontra no título do manifesto, traz como consequência de sua falta de discussão em alguns dos textos xenofems, a possibilidade de fortes críticas. Ao dizer que todos nós sempre fomos alienados e que por isso devemos nos alienar ainda mais, há uma pressuposição de que todos os sujeitos são igualmente alienados e que passarão pelo processo de alienação radical **igualmente**; há uma ideia de um coletivo universal que não retrata a realidade. Pensadores como Aimé Césaire afirmaram sobre o movimento negro: “A nossa luta foi a luta contra a alienação” (Césaire, Depestre, 1967), também Beauvoir disse que a mulher vive uma alienação corporal, que pode até partir da biologia, mas que é utilizada pelo patriarcado enquanto forma de deteriorar sua subjetividade e relegá-la ao corpo-coisa (Cyfer, 2015). É por isso que se faz tão importante pensar o que se quer dizer com alienação radical e quais tipos de sujeitos integram um projeto de futuro xenofeminista.

ALIEN[AÇÃO]

Em *Xenofilia* (2018), Reed se propõe a elucidar “alien[ação]²” enquanto xenofeminista integrante do Laboria Cubonics. Explica como as várias crises que temos enfrentado: sociais, econômicas e ecológicas são resultados de ações humanas e um uso específico e politizado da tecnologia. Ela está embrenhada em redes conceituais sócio-políticas criadas pelas sociedades, e, enquanto alguns conceitos e estruturas modelam a forma como enxergamos o mundo e suas possibilidades, outros conceitos são descartados, eliminados e relegados ao plano da violência epistemológica. De modo que Reed pinta a imagem de uma batalha constante travada por conceitos que querem preponderar. Reed exemplifica através da branquitude enquanto estrutura normativa social que modela não só as pessoas como também as tecnologias que são produzidas pela e para a branquitude hegemônica. Como é o caso da falta de acesso da população preta à tecnologia e da geografização do racismo. Historicamente a população negra, em muitos lugares do mundo, foi relegada a bairros pobres (favelas, guetos e bantustões³), sem infraestrutura e tecnologias de qualidade de vida. Poderíamos falar também do algoritmo racista do twitter que privilegia fotos de pessoas brancas em detrimento das de pessoas negras. Outro exemplo, mencionado por Reed, relativo à questão de gênero, diz respeito aos robôs que são generificados (afinal, gênero é uma construção humana, não havendo necessidade de determinar gêneros para robôs) e reproduzem clichês como o da mulher submissa, secretária ou que faz o trabalho doméstico. A autora Tessa Leach em *Machine Sensation*(2020), ao falar dos sexbots afirma que o ato de generificar um robô sempre constitui um ato político.

Sendo assim, como os conceitos estão sempre em disputa epistemológica, viver envolto por essas estruturas que se consolidaram é viver alienado, já que se está apartado de uma série de outras estruturas possíveis. É dessa forma que Reed descreve a alienação como um conceito relativo; nunca se pode estar totalmente alienado, mas a alienação possui intrinsecamente o potencial de questionar “o que é dado”; de colocar os conceitos em disputa. Por

² A escrita do conceito “Alienação” com os colchetes para diferenciar o uso xenofeminista, é uma iniciativa da autora desse texto.

³ O apartheid, foi um regime de segregação racial entre negros e brancos, institucionalizado pelo Estado da África do Sul, entre os anos de 1948 e 1994. Havia um grande arcabouço legal que sustentava o apartheid, como por exemplo, a Lei dos Bantustões de 1951, que determinava que negros se retirassem para territórios separados chamados de *homelands* ou bantustões que teriam como objetivo serem independentes do resto da África do Sul. (conforme ALMEIDA, 2019, p. 87)

isso, diz a autora, quando se entende a alienação apenas enquanto algo negativo, a ser superado, a que se pensar que mundo é esse sem alienação? Um mundo totalizante, sem alienação, seria preso a esquemas cognitivos familiares, negando o contato com o estranho, estrangeiro, alien; um mundo do senso comum. A alienação, para Reed, possui um sentido próximo ao de abstração, trazendo a possibilidade de pensar e remodelar conceitos. Então Reed sugere “ficar com o problema” conforme proposto por Haraway e não buscar saídas simplistas como a de que a tecnologia vai nos salvar dos humanos, ou em seu lado oposto pensar que a mente humana é capaz de resolver todas as desigualdades. A *alien[ação]* segundo as xenofems, portanto, seria uma proposta de descentralização do humano, o que é diferente de uma desumanização. É necessário confrontar e não negar o constante estado de alienação dos humanos e assim possivelmente subverter estruturas (Reed, 2018, p. 11-14.).

Patricia Reed trata da questão da subjetividade em seu texto, que não pode simplesmente ser abandonada subitamente enquanto conceito arcaico pelas xenofeministas, ao focar na alien[ação] humana, e, é por isso que a autora recorre a Fisher (Reed, 2018, p.15-16) citando a necessidade de criação de um sujeito coletivo para lidar com as eco catástrofes e crises endêmicas ao capitalismo. Esse sujeito coletivo poderia então fazer-se mais alienígena do que nunca, diferente do sujeito individualista que já normatizamos socialmente. Esse sujeito alien, que conchama pela solidariedade humana e o pensamento coletivo, pode incorporar em sua constituição a tecnologia, principalmente ao lidar com objetos abstratos como o clima, que não podem ter suas mudanças captadas corretamente pelos sentidos humanos, mas, apenas com o auxílio computacional⁴.

Tessa Leach é uma filósofa que estuda a fenomenologia alien, buscando observar não a nossa relação com os objetos ao redor, mas a percepção de objetos por figuras não-humanas. Nesse sentido tal fenomenologia, envolve fazer inferências sobre objetos e os tipos de interações que têm uns com os outros. Aqui vale frisar que objetos não são apenas aqueles materiais, mas também conceituais. É por esse motivo que um fenomenólogo alien só pode realizar observações

⁴Reed exemplifica a importância que a tecnologia tem ao lidar com objetos-meio como o clima para desmentir, por exemplo, negacionistas que afirmam não existir aquecimento global porque está “fazendo frio ou nevando em sua cidade”, sendo que o clima e suas mudanças não podem ser medidos corretamente pela experiência empírica humana (Reed, 2018, p.17).

de segunda mão. Ao mesmo tempo que isso pode ser visível enquanto um problema metafísico, o salto especulativo, é também justamente uma oportunidade de ter um olhar mais crítico em relação a como observamos e antropomorfizamos as coisas, como é o caso do sex bot. Leach conclui seu (Leach, 2020) livro justamente questionando a incapacidade dos humanos em reconhecer a natureza alienígena de alguns objetos, como conceitos normativos (gênero, sexualidade, corpo e assim por diante) por exemplo, enquanto têm facilidade para reconhecer a natureza alien de certos robôs ginóides e até de alguns humanos. São esses humanos marginalizados que sofrem violência epistemológica ao serem encaixados em padrões normativos, generalizados que não lhes representam. Essa problematização referente aos robôs vistos como humanos e humanos percebidos enquanto aliens, traz à tona o questionamento se não é possível que a proposta de Reed enquanto xenofem seja, de certa forma, de fazer uma fenomenologia alien da humanidade.

CONCLUSÃO: SUJEITAS E ESCRIVIVÊNCIAS

O texto propõe para seu curso final, pensar como seriam essas possíveis sujeitas da fenomenologia alien. Para pensar tais sujeitas, faz-se mister buscar inspiração em *Xenogênese* (ou *Lilith's Brood*) da Octavia Butler (2007), já que há forte correlação entre o movimento das xenofeministas e a obra da autora norte-americana. A protagonista, Lilith, que traz a possibilidade de mudança, de uma nova, fértil e alien humanidade é uma mulher, mãe e negra. É esse tipo de sujeita que vem à luz como central na obra de Butler, e que, a partir da ficção, preconiza elementos do movimento afrofuturista, também refletindo a realidade social da época, como é o caso da Henrietta Lacks mulher negra, que teve suas células cancerígenas roubadas e cujo estudo de suas células levou à vacina para várias doenças, sendo que ela, ainda assim, morreu sem acesso aos benefícios gerados por sua própria biologia. Os dois livros que serão expostos a seguir são literaturas baseadas em vivências reais que servirão, nesse texto, como referência para se pensar uma sujeita negra, gênese da subjetividade alien, tal qual Lilith e Lacks.

Conceição Evaristo, escritora negra, criou o termo “escrevivência” que é a junção das palavras “escrever” e “experiência”, conceito que exprime o relato do cotidiano do povo negro ou

da lembrança da própria autora. No livro: *Insubmissas Lágrimas*, Evaristo escreveu contos a partir de entrevistas feitas com mulheres negras de todas as idades. A autora escreveu em seu prefácio: “Invento? Sim, invento sem o menor pudor [...] desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu [...] afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.” Quando Evaristo menciona “o ato de traçar uma escrevivência” se refere tanto à sua vivência enquanto autora, quanto à escrita da vivência de outras mulheres. Esse é o projeto emancipador da literatura de Conceição Evaristo: “a humanização do ser marginalizado”, o relato da história que, por séculos, ficou silenciada.

Evaristo faz presente em suas obras subjetividades não pensadas, introduzindo novas epistemologias e vivências. Há dois exemplos que serão citados a seguir da obra *Insubmissas lágrimas de Mulheres* (2016): o de Natalina Soledad, que tem que trocar seu nome depois de velha porque seus pais a chamaram de Troço leia, ou seja, ela é literalmente coisificada pelos pais que não a queriam, eles a chamam de: “um troço menina”. E o segundo conto, de Isaltina Campo Belo, que se enxerga enquanto menino desde criança, e, mais tarde sofre um estupro corretivo ficando grávida o que faz cogitar não só o sujeito que é inteiramente marginalizado (alien): a mulher, negra e não-cis, como também suscita a questão da mulher negra enquanto matriz da sociedade, que tem a responsabilidade de gerar ainda que não por sua própria escolha. Conforme afirmado por Alice de Barros Gabriel (2021), o cuidado é maternizado e feminizado, e, segundo a feminista italiana Silvia Federici, seria essa a marca dos processos de acumulação de capital, relegando de forma violenta e opressora a maternidade compulsória aos corpos feminizados que possuem útero. Esses corpos alien[ados], apagados, são sujeitos a uma [in]diferença sexual, pois são corpos a que foram negados o protagonismo que tem na gestação de toda uma sociedade; são gestadores de famílias, povos, e de toda uma espécie⁵.

Ainda sobre a sujeita alien, a segunda obra escolhida foi o *Quarto de Despejo* (2014) de Carolina Maria de Jesus, não só por ser uma obra autobiográfica, que traz a sujeita favelada e negra que sonha em ser escritora, como também por mexer em estruturas e conceitos presentes no

⁵O estudo realizado em 1999 que analisou o genoma de milhares de brasileiros, foi capaz de determinar que enquanto a maioria dos genes paternos tem origem europeia, os genes maternos tem origem nos corpos (violados) ameríndios e africanos (FAPESP, 2000).

discurso brasileiro. Carolina de Jesus morreu sem muito reconhecimento ou dinheiro, mas eternizou sua escrevivência nos seus livros, recebendo apenas esse ano um título de honoris causa pela UFRJ. Tratou de questões essenciais para se pensarem as desigualdades sociais, raciais e de gênero no país, mas também foi capaz de escrever de forma poética seus relatos à cercada fome e violência material que passava em seu cotidiano. Por fim, há que relatar sua forma de enxergar a linguagem, e moldar o texto, afinal, a autora não terminou a escola fundamental e por isso sua escrita não ocorre de acordo com a norma culta. A falta de conhecimento e acesso ao estudo da língua portuguesa, marca da desigualdade social e do racismo estrutural brasileiro, ainda assim, não foram limitantes para o mundo que a autora queria que todos conhecessem, que através da ficção da literatura e de uma escrita não convencional, foi capaz de levar a desigual realidade das favelas e da mulher preta para o brasileiro letrado. Sua obra traz a importância de se expor outras epistemologias e de se pensar criticamente o preciosismo da linguagem culta, cultuada nos espaços eruditos, que tentam se blindar dos espaços de quarto de despejo (da miséria brasileira). Carolina de Jesus, assim como Evaristo e muitas mulheres e homens pretos do Brasil, tinha plena consciência de ser percebida enquanto alien pela sua sociedade, e, no entanto, tinha convicção da sua potência enquanto xeno-sujeita: “Ah, comigo o mundo há de modificar-se, não gosto do mundo como ele é”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, S. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BUTLER, O, E. *Lilith's Brood*. Nova York: Grand Central Publishing, 2007.

CÉSAIRE, A; DEPESTRE, R (1967). *An Interview with Aimé Césaire*. Tradução para o inglês de Maro Riofrancos. Disponível em: politicaleducation.org/wp-content/uploads/2018/07/Interview-with-Aime-Cesaire.pdf. Acesso em: 29 de novembro de 2020.

CUBONIKS, L. *Xenofeminismo: uma política pela alienação* (2018). Tradução por Inaê Diana Lieksa. Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2021.

- CYFER, I. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e “a questão do sujeito” na teoria crítica feminista. *Lua Nova*. São Paulo, n. 94, p.41-77, 2015.
- EVARISTO, C. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. 2 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- GABRIEL, Alice de Barros. *Pensar o nascimento: diferença, xenogênese e cosmopolítica*. In. *DasQuestões*, Vol.8, n.2, abrilde2021.p. .
- HESTER, H. *Xenofeminism*. Cambridge: Polity Presss, 2018.
- LEACH, T. *Machine Sensation*. Londres: Open Humanities Press, 2020.
- FAPESP (2000). *O apoio da genética a história dos brasileiros: o estudo do DNA revela o alcance da miscigenação e aproxima especialistas de áreas distintas*. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-apoio-da-genetica-a-historia-dos-brasileiros/>. Acesso em: 2 de março de 2021.
- JESUS, C, M. *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. 10. Ed. São Paulo: Ática, 2014.
- REED, P (2017). *Xenofilia e desnaturalização computacional*. Tradução de Gabriela Baptista. São Paulo: Zazie, 2018.